

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 03

Data: 16/01/76 Pg.: \_\_\_\_\_

## Funai investiga o sequestro dos dois caçadores

Do Correspondente em  
SAO LUIZ

Dois funcionários da Funai em São Luiz seguirão amanhã para o território dos índios urubus-kaapor, nas proximidades dos distrito de Zé Doça, distante cerca de 400 quilômetros da Capital do Estado, para verificar a gravidade das informações segundo as quais um grupo de índios da aldeia Zé Gurupi prenderam dois caçadores e estão exigindo para libertá-los três mil cruzeiros como indenização pela caça que abateram em suas terras.

Essa foi a única maneira encontrada pela Delegacia da Funai em São Luiz para inteirarse da situação, uma vez que a aldeia onde ocorreu o incidente fica isolada das demais áreas ocupadas pelos urubus-kaapor e muito distante do posto indígena que o órgão mantém na região. A Funai também não dispõe de um rádio no local, o que torna impraticável obter um relatório completo antes de segunda-feira próxima.

Ninguém pode prever ainda o desfecho do incidente — se os caçadores ainda se acham prisioneiros dos índios, se foram soltos ou até mesmo, mortos. Francisco Ferreira Furtado e João Fernandes Moreira, os dois funcionários que serão enviados a Zé Gurupi, preferem, contudo, não pensar nessas possibilidades. Seu objetivo será impedir a ampliação dos conflitos entre índios e brancos, ainda que isso seja difícil de se obter, pois o número de invasões na área dos urubus-kaapor tem aumentado bastante nos últimos tempos, co-

mo consequência da situação fundiária confusa e atribulada do Estado.

Os índios estão inquietos com a demora da Funai em demarcar suas terras, conforme foi prometido, num total de 823 mil hectares, localizados dentro da reserva florestal do Gurupi. Eles sabem que, se a Funai não tomar providências rápidas, é possível que em pouco tempo a reserva seja inteiramente tomada pelos brancos, como já aconteceu com as terras dos guajajeras.

Os urubus-kaapor estão cercados, de um lado, pelas terras da Companhia de Colonização do Nordeste, a Colone, empresa subsidiária da Sudene, que como a Funai é um organismo do Ministério do Interior. A empresa mantém o projeto de Colonização do Alto Turi, com resultados bastante modestos e em meio a discussões com os índios sobre os limites de suas terras. No sentido da estrada Belém-São Luiz, começam a entrar posseiros, grileiros e alguns fazendeiros, atraídos pelas terras férteis e inexploradas. Pelo Norte, avançam as grandes fazendas agropecuárias. Na verdade, em pouco tempo os urubus-kaapor estarão encurralados.

Eles não parecem dispostos, contudo a deixar que isso aconteça sem resistência, como pode ser observado pela reação dos últimos meses, em que apreenderam diversas armas de brancos surpreendidos caçando em suas terras e se negaram terminantemente a atender um pedido da Funai para que deixassem uma área pretendida pela Colone. Curiosamente, a Funai tem insistido em fazê-los ceder.